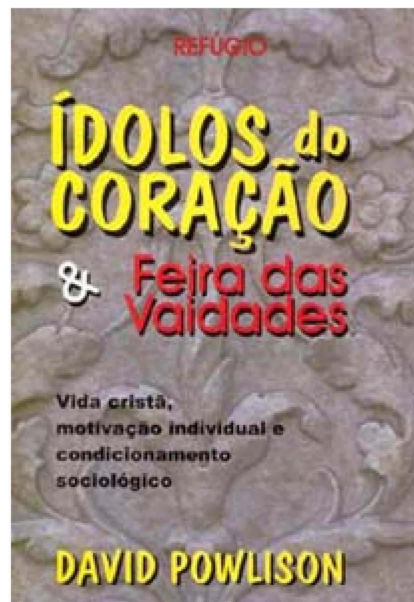
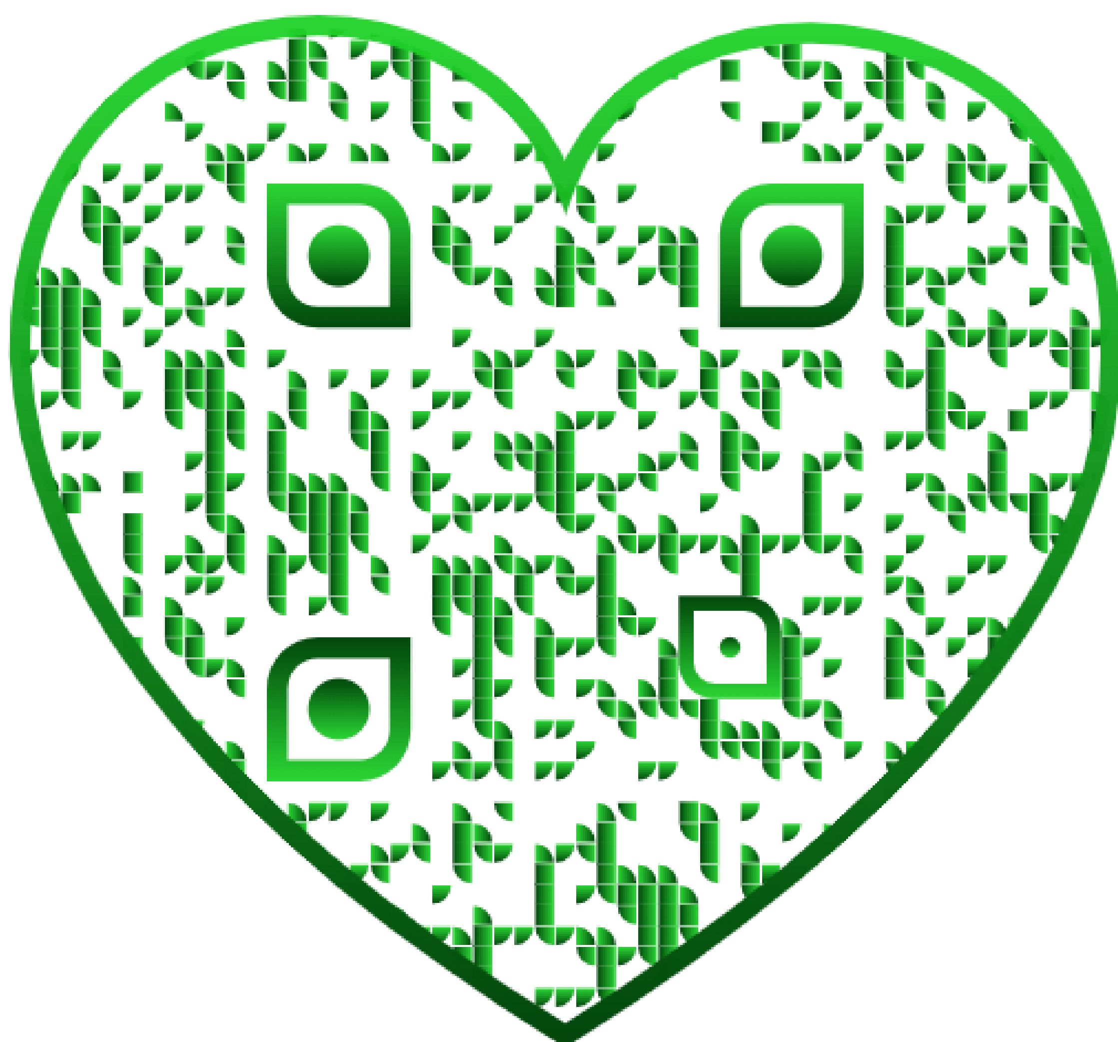


Conteúdo

um 2
Ídolos do coração e “Feira das Vaidades” 2
A relação da motivação individual e o condicionamento sociológico 2
dois 3
O problema 3
Um problema interno 3
Um problema social 3
três 5
Imitações Espirituais 5
quatro 6
Uma tensão tríplice 6
Unidade em relação a Deus 6
Fome e idolatria 7
Segurança e idolatria 8
Ídolos ou desenvolvimento secundário? 8
cinco 9
Estudo e análise 9
"Feira das Vaidades": a sociologia da idolatria 10
Ídolos múltiplos 11
Ídolos do Coração: a psicologia da idolatria 13
seis 14
Ídolos de raízes? 14
"Vizinhanças" na Feira das Vaidades 15
sete 15
Outras perspectivas diagnosticas e o evangelho: interpretação multiperspectiva 16
O papel da vontade 16
oito 17
A Questão de senhorio 17
Idolatria e o ministério do Evangelho de Jesus Cristo 18
O que é o Evangelho? 19





Ídolos do coração e "Feira das Vaidades"

Como podemos ligar de modo significativo o conteúdo conceitual da Bíblia e a tradição cristã com a terminologia técnica e as riquezas observacionais das ciências comportamentais? Esta é uma das grandes questões que o cristianismo enfrenta dentro das ciências sociais e das profissões de ajuda à pessoa e à sociedade. Dentro desta perene questão, duas sub-questões há muito deixam-me perplexo.

Uma delas é a questão da relevância da Bíblia. Por que a idolatria é tão importante na Bíblia? Idolatria é o tema mais discutido na Bíblia[1]. E daí? Será que a idolatria é um problema relevante ainda hoje, fora de campos missionários onde adoradores ainda se vergam diante de imagens?

O segundo tipo de questão é concernente ao aconselhamento: uma questão "psicológica". Como podemos entender a miríade de fatores significantes que moldam e determinam o comportamento humano? Em especial, é possível compreender de forma satisfatória o fato de que pessoas são ao mesmo tempo *interiormente dirigidas* e *socialmente moldadas*?

Estas questões e as suas respostas acabam se entrelaçando. Esse entrelaçamento tem sido frutífero em minha vida pessoal e no meu aconselhamento de pessoas atribuladas.

A relação da motivação individual e o condicionamento sociológico

A relevância de grandes partes da Escritura prende-se ao nosso entendimento de idolatria. Contudo, permita-me focalizar a questão utilizando um versículo do Novo Testamento que há muito me perturba. A última linha de João adverte e ordena: *"Filhinhos, guardai-vos dos ídolos."* (1João 5:21). Como é que avaliamos esse mandamento no final de um tratado de 105 versículos sobre o relacionamento vital com Jesus, o Filho de Deus? Será que algum escriba fez uma emenda extemporânea? Seria um erro desajeitado feito por um escritor que, usando linguagem simples, metodicamente tece densas e ordenadas tapeçarias cheias de significado? Será esta uma perspectiva de aplicação prática limitada pela cultura, colocada ao final de uma das epístolas mais atemporais e pertencentes aos lugares celestiais que temos? Cada uma dessas alternativas falha em entender a integridade e o poder das palavras finais de João.

Pelo contrário, a última linha de 1João deixa-nos com a questão mais básica com que Deus confronta o coração humano: alguém ou alguma coisa que não Jesus Cristo tem controlado a confiança do nosso coração, como objeto, preocupação, lealdade, serviço ou prazer? É uma questão que influi a motivação imediata de nossos comportamentos, pensamentos e sentimentos. No conceito bíblico, a questão da motivação é a questão do *senhorio*. Quem ou o que *"regula"* meu comportamento, o Senhor ou um substituto? As respostas indesejáveis a esta questão – respostas que mostram nosso desentendimento da "idolatria" que queremos evitar – são claramente apresentadas em 1João 2:15-17, 3:7-10, 4:1-6 e 5:19. É impressionante como estes versos apresentam uma confluência de perspectivas de motivações idólatras nas áreas sociológicas, psicológicas e demonológicas[2].

O caráter interno da motivação é demonstrado na expressão "concupiscência da carne" (1João 2:16): nosso movimento de inércia "centrado em nós mesmos", vontades, esperanças, medos, expectações, "necessidades" que abarrotam nossos corações. Vê-se o caráter externo da motivação na expressão "o mundo", como sendo tudo o que modela, reforça e condiciona essa inércia, ensinando-nos mentiras. A dimensão "demonológica" da motivação e do comportamento é determinada pelo senhorio do diabo (1João 3:7-10, 5:19), postando-se como "regulador" sobre o reino da carne e do mundo. Em contraste,

---

[1] O "Primeiro Mandamento", a exemplo dos dois ou três mandamentos iniciais, contrasta fidelidade ao Senhor com infidelidades. A batalha aberta contra a idolatria aparece vívida com o "bezerro de ouro" e reaparece através dos livros de Juízes, Samuel, Reis, pelos Profetas e por Salmos.

[2] Esta confiança no mundo, na carne e no diabo não nos surpreende, pois ocorre através das Escrituras: veja em Efésios 2:1-3 e Tiago 4:1-7 exemplos particularmente condensados.



"guardai-vos dos ídolos" é viver de todo coração a fé em Jesus Cristo. É ser controlado por tudo que subjaz ao título "filhos amados" (ver especialmente 1João 3:1-3, 4:7-5:12). Qualquer alternativa ao senhorio de Jesus, o enxame de alternativas, quer sejam vistas do ponto de vista da carne, do mundo ou do Maligno, é idolatria.

dois

O problema

Um problema interno

A noção de idolatria emerge mais frequentemente em discussões sobre o culto de imagens físicas, a criação de falsos deuses. Mas as Escrituras desenvolvem o tema da idolatria em pelo menos duas direções principais relativas á minha argumentação aqui. Primeiro, a Bíblia internaliza o problema. "Ídolos do coração" são literalmente descritos em Ezequiel 14:1-8. A adoração de ídolos tangíveis é, perigosamente, a expressão de uma deserção prévia de IHWH seu Deus[3]. "Ídolos do coração" é apenas uma de muitas metáforas. Coloca o *locus*[4] da preocupação de Deus dentro do coração humano, estabelecendo um laço inseparável entre pontos específicos do coração e pontos específicos do comportamento: mãos, língua, e todos os membros. O primeiro Grande Mandamento, "amar a Deus de todo coração, alma, mente e força", também demonstra a "interioridade" essencial da lei no que diz respeito à idolatria. A linguagem do amor, confiança, temor, esperança, buscar e servir (termos descritivos do relacionamento com o Deus verdadeiro) é continuamente usada na Bíblia para descrever nossos falsos amores, falsas confianças, falsos temores, falsas esperanças, falsas procuras e falsos mestres.

Se "idolatria" é uma palavra característica do Velho Testamento que resume e refere-se ao nosso desvio de Deus, então "desejos" (gr. *epithumiai*) é característica e resumo do Novo Testamento para o mesmo desvio[5]. Ambas descrevem o problema dos seres humanos. A linguagem do Novo Testamento para "desejos" problemáticos é uma expansão dramática do décimo mandamento que proíbe a cobiça (gr., *epithumia).* O décimo mandamento é também uma ordem que internaliza o problema do pecado, tornando-o "psicodinâmico". Desnuda a natureza egoísta e reivindicativa do coração humano, poderosamente descrito por Paulo em Romanos 7. É interessante (mas não surpreendente) como o Novo Testamento junta o conceito de idolatria e o conceito de desejos inordenados que regem a vida. Idolatria torna-se um problema do coração, uma metáfora para a luxúria humana, para a demanda da nossa vontade, da ânsia e da ganância[6].

Um problema social

Segundo, a Bíblia trata a idolatria como um fator central do conceito social, "o mundo", que nos forma e modela. O mundo é uma "Feira das Vaidades", como disse John Bunyan com impacto em "O Peregrino"[7]. Pelo livro todo, e em especial no capítulo "Feira das Vaidades", é retratada a interação de formadores sociais do comportamento, poderosos, sedutores e temerosos, com as tendências autodeterminantes do próprio coração do Cristão. Será que Cristão servirã ao Deus Vivo ou servirá a

---

[3] "Coração" é o termo bíblico mais compreensivo para aquilo que determina nossa direção de vida, comportamento, pensamentos, etc. Veja Provérbios 4:23, Marcos 7:21-23, Hebreus 4:12ss etc. A metáfora de "circuncisão ou incircuncisão de coração" é semelhante a "ídolos do coração", em que uma atividade religiosa externa é empregada para retratar a dinâmica motivacional interna que o ato exterior reflete.

[4] *Locus* é um termo latino usado para definir lugar. Na ciência designa curva, superfície ou figura que contenha todos os pontos, e apenas esses pontos, atendendo a dada condição (NT).

[5] Veja as declarações resumidas de Paulo, João e Tiago em Gálatas 6:16ss, Efésios 2:3 e 4:22, 1Pedro 2:11 e 4:2, 1João 2:16, Tiago 1:14ss, onde *eptthumiai* é a palavra inclusiva para se referir a tudo quanto há de errado conosco.

[6] Efésios 5:5 e Colossensses 3:5

[7] Bunyan, John, The Pilgrim's Progress (Grand Rapids: Zondervan, 1957), pags 84-93

qualquer fluida multidão de ídolos esculpidos pela esposa, vizinhos, conhecidos, inimigos, companheiros membros da sociedade humana...e, finalmente, por seu próprio coração[8].

Que as idolatrias são geradas tanto no ser interior quanto também se insinuam do mundo exterior, tem implicações sobre as questões do aconselhamento contemporâneo. É claro que a Bíblia não trata dos assuntos contemporâneos com o nosso mesmo jargão psicológico nem se utiliza de nossos dados observacionais[9]. Ainda, por exemplo, a Bíblia não cita com ricos detalhes aquilo que os psicólogos de hoje descreveriam como "família ou sistema conjugal disfuncional", simplesmente porque não coloca estas peças do comportamento humano e influência mútua sob o microscópio. A "falha" existe apenas na aplicação específica. Na verdade, as categorias bíblicas abarcam as maneiras como num sistema familiar – ou qualquer outro tipo de sistema social de qualquer espécie ou tamanho – operam e influenciam umas às outras para o bem e para o mal. Por exemplo, os padrões de vida geralmente rotulados de "co-dependência" são mais precisa e penetrantemente entendidos como episódios de "co-idolatria". No caso de um "relacionamento co-idólatra", dois padrões de idolatrias típicos reforçam e competem um com o outro. Eles encaixam-se um ao outro de modo estranho, criando grandes e destrutivos *feedback loops*[10].

O clássico marido alcoólatra e sua esposa salvadora são ambos escravizados dentro de um sistema de idolatria cujos componentes completam um ao outro com perfeição. Há muitas configurações possíveis neste padrão comum de falsos deuses. Numa configuração típica, a constelação do ídolo no uso de álcool do marido pode combinar um amor dominador e escravizador pelo prazer, a busca escapista de um falso salvador para as dores e frustrações de sua vida, o papel de juiz irado e cheio de justiça própria, julgando a maneira aderente e dependente da esposa, a autocrucificação do seu remorso periódico, a confiança humana que visa validação pessoal através da aceitação dos seus companheiros, e assim por diante.

O padrão idólatra no comportamento da esposa salvadora precisa combinar o papel de mártir salvadora do marido e família, o papel de orgulhosa juíza do pecado do marido, a confiança humana que valoriza demais a opinião das amigas, o "temor de homens" que gera desejo inordenado de um homem como essencial para sua sobrevivência, e assim por diante.

Cada um desses ídolos (e conseqüentes comportamentos, pensamentos e emoções) é "lógico" dentro do "sistema de idolatria", uma Feira de Vaidades em miniatura, de diversões e ameaças, em que ambos vivem. Seus ídolos são algumas vezes modelados, ensinados e estimulados pela(s) outra(s) pessoa(s) envolvida(s): suas queixas e sua ira espelham e servem de lente de aumento um para o outro; seus companheiros de bar e suas amigas reforçam suas respectivas iras e autopiedades. Os ídolos algumas vezes são reativos e compensatórios: ele reage às suas exigências com a bebida e ela reage à bebida tentando salvá-lo e transformá-lo. A Feira das Vaidades é uma tentadora vida de... inferno na terra!

---

[8] Comento aqui só o impacto das influências sociais "negativas", que nos comunicam seus ídolos e provocam nossos corações à produção de ídolos se você ira-se contra mim, eu aprendo de você alguma coisa sobre a suprema importância de fazer as coisas da minha maneira, assim como alguns truques e técnicas para conquistar o que quero. Também, instintivamente, tento gerar ídolos como compensação, defesa ou escape. Nossa tendência é de pagar o mal com o mal.

Posso igualmente comentar sobre o impacto das influências sociais "positivas" – em Bunyan e na vida – que comunicam fé, estimulam a fé em nossos corações e trazem arrependimento da idolatria. O caminho bíblico para lidar com os "inimigos", pagando o mal com o bem, é aprendido de outros e produzido no coração.

[9] Sociólogos, antropólogos e historiadores da psiquiatria demonstram como muitos sintomas e todos os rótulos de diagnósticos são presos à cultura. Isto é especialmente verdadeiro com respeito a problemas funcionais (em oposição aos problemas distintamente orgânicos) que compreendem a maior parte da miséria humana e do mau comportamento. Esta observação relativizante significa que rótulos de diagnósticos não são "científicos" nem "verdades objetivas". Os rótulos são as vezes heuristicamente úteis se os reconhecermos como são: simples ordens taxonômicas de observações. Mas rótulos são elementos dentro de esquemas de valores e interpretação. Porque as categorias de diagnósticos são filosófica e teologicamente "carregados", um cristão que procure ser honesto para com o sistema de valores e interpretação da Bíblia, precisa gerar categorias bíblicas e aproximar-se das categorias seculares com extremo ceticismo.

[10] *Feedback Loop* é uma expressão da língua inglesa que significa a consistente retroalimentação de um dado impulso. Por exemplo, o sinal de um microfone colocado em frente ao seu alto-falante, é retroalimentado pela reprodução de seu próprio sinal ampliado, causando finalmente o que conhecemos como microfonia. O autor usa o termo com o sentido de comportamentos que servem de estímulos a comportamento iguais e ampliados (NT).



Imitações Espirituais

Ídolos imitam aspectos da identidade e do caráter de Deus, como se vê no trecho anterior: juiz, salvador, fonte de bênçãos, barreira contra o pecado, objeto de confiança, autor da vontade a que obedecer etc. cada ídolo neste bloco que se junta ao sistema faz falsas promessas e dá falsos avisos: "se apenas... então...". Por exemplo, os comportamentos "capacitadores" da esposa mostram seu papel idólatra de salvadora. Seu ídolo promete e adverte: "se apenas puder oferecer a coisa certa e fazer o melhor, então seu marido mudará. Mas se você não cuidar das coisas por ele, então o desastre ocorrerá". E porque tanto as promessas quanto as advertências são mentiras, o culto a cada ídolo resulta numa ressaca de miséria e maldição. Ídolos mentem, escravizam e matam. Estão continuamente insinuando-se pela voz daquele que sempre foi mentiroso, senhor de escravos e assassino desde o princípio. Estão sob a imediata ira de Deus que, frequentemente impede que tais coisas dêem certo em Seu mundo[11].

A simples figura da idolatria – um adorador prostrado ante a imagem de madeira, metal ou pedra – é poderosamente explanada na Bíblia. Idolatria torna-se um conceito com o qual compreender as razões intrínsecas da motivação individual e do condicionamento social. Os ídolos do coração conduzem-nos a abandonar a Deus de muitas maneiras. Manifestam-se e expressam-se em qualquer lugar, nos mínimos detalhes na vida interior e exterior. Tais ídolos do coração cabem como a mão na luva com respeito aos bens de consumo oferecidos pela Feira das Vaidades da vida social. Os convites e as ameaças da nossa existência social seduzem-nos à deserção e encaminham-nos em direção à idolatria. Estes temas dão uma perspectiva fundamental sobre as "más novas" que permeiam a Bíblia.

Em suma, os pecados comportamentais são sempre retratados na Bíblia como "motivados" ou governados por um "deus" ou "deuses". O problema com a motivação humana, a questão de aliança prática, com Deus ou qualquer substituto, é freqüente e propriamente retratada como o problema da idolatria. A idolatria é um problema profundamente enraizado no coração humano e poderosamente impingido sobre nós pelo ambiente social.

Isto traz-nos exatamente ao segundo tipo de pergunta mencionada no início. Esta segunda questão é a do aconselhamento. Como concatenar as três coisas seguintes? Primeiro, as pessoas são responsáveis por seus comportamentos pecaminosos. Quer os chamemos de pecado, problemas pessoais, ou vidas disfuncionais, as pessoas são responsáveis pelas coisas destrutivas que pensam, sentem e fazem[12]. Se sou violento ou medroso, este é o *meu problema.*

---

[11] É óbvio que, se a *idolatria* é o problema do "co-dependente", então fé arrependida para com Cristo é a solução. Isto contrasta de modo marcante com as soluções propostas na literatura sobre co-dependência, quer secular, quer caiada com frases cristãs. Essa literatura freqüentemente descreve com perceptividade o padrão de ídolos disfuncionais – vícios e dependências – que amaldiçoam e escravizam pessoas. Os ídolos que escravizam o salvador ou o bêbado compulsivo, não funcionam muito bem em seu favor.

A literatura pode até usar a palavra "idolatria" como metáfora, sem significar "idolatria contra Deus e, por isso, arrependimento". A solução, sem exceção, é oferecer ídolos diferentes e mais funcionais ao invés de arrependimento diante do Cristo da Bíblia! As terapias seculares ensinam ídolos "eufuncionais" às pessoas, ídolos que "trabalhem" pelas pessoas e as "abençoem" com vidas temporariamente felizes (Salmo 73).

Assim, por exemplo, a auto-estima é estimulada como a reposição da tentativa de agradar pessoas desagradáveis, ao invés de estima pelo Cordeiro que foi sacrificado por mim, um pecador. A aceitação e o amor vindo de novos outros significantes, começando com o terapeuta, cria versões bem sucedidas do temor de homens e de confiança em homens ao invés de ensinar a confiança em Deus como sendo essencial. Minha auto-confiança e autonomia crescem quando ensinam-me a colocar minhas expectativas naquilo que posso obter. O fruto parece bom, mas é fundamentalmente imitativo. Crentes em falsos evangelhos por vezes florescem, por algum tempo.

Sistemas de terapia sem arrependimento no seu cerne deixam intacto o sistema de idolatria. Simplesmente reabilitam e reconstroem a impiedade de maneira que funcione com maior sucesso.

O motivo da idolatria na Bíblia diagnostica a base auto-destrutiva final na qual pessoas felizes, saudáveis e confiantes constroem suas vidas (ídolos eufuncionais), tão perspicazmente quanto diagnostica pessoas infelizes, as quais são mais óbvia e imediatamente auto-destrutivas (ídulos disfuncionais).

[12] A terminologia é, certamente, diferente. "Problemas pessoais" e "vidas disfuncionais" implicam numa responsabilidade primária à própria pessoa, à família e à sociedade. "Pecado" implica numa responsabilidade primária para com Deus o Juiz, com responsabilidades pessoais e sociais decorrentes.

Segundo, as pessoas com problemas vêm de famílias ou casamentos ou sub-culturas onde as outras pessoas envolvidas também têm problemas. As pessoas sofrem e são vitimizadas e mal direcionadas pelas coisas destrutivas que outras pessoas pensam, querem, temem, valorizam, sentem e fazem. Estas podem se influências ambientais sutis: formação social via modelos de atitudes e coisas assim. Podem ser influências traumáticas: perda ou vitimização. Meus problemas são frequentemente embutidos num estreito *feedback loop* com seus problemas. Seu você me ataca, eu tendo a atacar de volta ou fugir com medo. *Seus problemas* formam meus problemas.

Terceiro, o comportamento é motivado interiormente por complexos direcionadores da vida como padrões de pensamentos, desejos, medos, cosmovisões etc., das quais a pessoa pode até estar inconsciente. Podemos nos enganar profundamente sobre o que nos dirige e impele. Meu comportamento de ataque ou de fuga manifesta padrões de expectativas que me dominam. “Talvez você me machuque... assim, é melhor que eu guarde distância ou ataque primeiro”. Meu comportamento é uma estratégia que expressa *meus motivos*: confianças, desejos, medos, “sentimentos de necessidade” etc. Esses motivos vão ao longo do espectro, desde o cálculo consciente à compulsividade cega.

Como é que nós – e aqueles que aconselhamos – somos simultaneamente condicionados socialmente, auto-enganados e responsáveis pelo nosso comportamento, sem que nenhum fator esconda o outro? Esta é a questão das ciências sociais e comportamentais (e também o lugar onde todas falham quando omitem a Deus). É também a questão que qualquer conselheiro cristão precisa procurar responder tanto na teoria como na prática de forma que reflita a mente de Cristo. Só a visão bíblica do homem – na vida individual e social – mantém estas três coisas juntas.

quatro

Uma tensão tríplice

Motivos são simplesmente aquilo que nos move, causas ou indução à ação; a “fonte” causal da vida e os “alvos télicos” da vida[13]. A noção da motivação apreende o *impulso interno e a orientação por alvos* da natureza humana em seus fatores mais importantes e atribulados. Todas as psicologias lutam com estes assuntos. Mas nenhuma tem os recursos conceituais adequados para dar sentido à conexão entre comportamento responsável, um ambiente social formador, e um coração auto-enganoso e determinador da vida.

Eis alguns exemplos. O moralismo – o trabalho psicológico do homem da rua – limita-se ao comportamento responsável. As complexas causalidades ficam totalmente abafadas. As psicologias comportamentais vêem impulsos e recompensas, mas limitam-se ao meio ambiente, tomando os impulsos como se fossem dados intransformáveis. Tanto o comportamento responsável quanto o coração semiconsciente mas renovável ficam abafados. As psicologias humanistas vêem a interação de desejos/necessidades interiores com a realização ou frustração externa, mas dão o voto final para a auto-determinação humana. Assim, o comportamento responsável e o poder de forças extrínsecas também se abafam. As psicologias do *ego* vêem o deformado conflito entre os desejos do coração e as contingências sociais bem internalizadas. Mas o *meio ambiente* e o comportamento responsável ficam abafados. É *difícil* manter juntos estes três elementos aparentemente simples.

Unidade em relação a Deus

A Bíblia – em outras palavras, a voz do Autor da humanidade – fala ao mesmo conjunto de assuntos com uma visão singularmente unificada. Não há dúvida de que somos moralmente responsáveis: nossas obras e nossos frutos contam! Não há dúvida de que os frutos vêm de uma raiz interior a que freqüentemente estamos cegos. “Ídolos do coração”, “desejos da carne”, “temor de homens”, “amor do

---

[13] A maneira bíblica de fazer observações no dia a dia é confortavelmente descrita como o impulsionar e tracionar das motivações humanas como perspectivas complementares. As psicologias tendem a colocar seu peso ora nos impulsos, ora nos alvos. Idolatria é uma categoria conceitual fértil e flexível que permanece próxima à informação da vida, diferente das abstrações especulativas de explicações e alternativas não bíblicas.



dinheiro", "correr atrás...", "mente terrena", "orgulho", e toda uma constelação de figuras captam bem a visão bíblica de impulsos interiores, experimentados como falsas necessidades ou alvos auto-evidentes. Não há dúvida também que somos poderosamente constrangidos por forças sociais ao nosso redor. O "mundo", "Feira de Vaidade", "conselho dos ímpios", "falsos profetas", "tentações e provações", e outras figuras, captam alguma coisa das influências exercidas sobre nós. Outras pessoas modelam e transmitem falsas leis ou falsos padrões, coisas que definem mal o valor e o estigma, a bênção e a maldição, o caminho da vida e o caminho da morte. Elas pecam contra nós. Deus justapõe estas três coisas simples que tendem a se desmoronar nas formulações humanas. Sou responsável por meus pecados "João é um garoto mau". Minha vontade é prisioneira: "João não pode evitar isto". Sou enganado e deixo-me guiar por outros: "João deixou-se envolver por más companhias". Como todas estas coisas podem ser simultaneamente verdadeiras?

A resposta, que todas as psicologias e sociologias não oferecem, é realmente muito simples. A motivação humana é sempre "com respeito a Deus". As ciências sociais e comportamentais perdem esta "intencionalidade" porque são elas mesmas motivadas pela idolatria. Ironicamente, elas constroem dentro de suas metodologias uma cegueira para a natureza essencial das matérias objetivas.

A motivação humana não é intrínseca ao indivíduo nem à sociedade. A motivação humana nunca é estritamente psicológica ou psicossocial ou psico-social-somática. Nem é estritamente psicodinâmica ou social ou biológica, ou qualquer combinação destas. Estes termos são metáforas usadas para componentes de um fenômeno unitário que é essencialmente o tipo de fenômeno unitário que abrange todas as espécies, que s ciências humanas procuram. A motivação encontra-se e observa-se na vida real como um fenômeno intrinsecamente binário: fé ou idolatria. O único ponto unitário nos motivos humanos é a velha construção teológica: seres humanos são criaturas aleatoriamente adoradoras. Apenas a visão bíblica pode unificar os elementos aparentemente contraditórios que expliquem o comportamento.

A questão mais profunda da motivação não é *"O que* me motiva?". A questão final é: "Quem é o senhor destes padrões de pensamento, sentimento ou comportamento?". Numa visão bíblica, somos todos religiosos, presos inevitavelmente a um deus ou outro. Pessoas não têm "necessidades". Temos mestres, senhores, deuses, sejam eles nós mesmos, outras pessoas, objetos, Satanás. A metáfora de coração e sociedade idólatras captam o fato de que a motivação humana carrega em si um relacionamento com Deus: Quem, além de Deus, é meu deus? Deixe-me dar dois exemplos, um próximo do coração dos comportamentalistas e outro próximo do coração dos psicólogos humanistas.

Fome e idolatria

Quando o "impulso da fome" impele minha vida, ou um segmento dela, na verdade estou envolvido num comportamento religioso. Eu ("minha carne") tornei-me meu próprio deus, e a comida tornou-se em objeto da minha vontade, desejos e temores. A Bíblia observa o mesmo emaranhado de motivos que as ciências comportamentais vêem como "impulsos primários". Algo biológico sem dúvida está ocorrendo. Algo psicológico, e até mesmo sociológico, acontece. Mas a conceituação bíblica difere radicalmente. Não sou "dirigido-pelo-impulso-da-fome". Sou "dirigido-pelo-impulso-da-fome-*ao-invés*-de-Deus".

Fomos feitos para relacionar-nos com o alimento, comendo com gratidão aquilo que sabemos ser dado, compartilhando com generosidade. Sou um idólatra ativo quando os sinais de fome normal são fonte de comportamentos e atitudes problemáticos. Desejos normais tornam-se inordenados e escravizadores. Os diversos pecados visíveis que podem ser chamados de idolatria – glutonaria, ansiedade, ingratidão, obsessão por comida e "desordens alimentares", irritabilidade quando o jantar atrasa, manipulações para conseguir o maior pedaço, sovinice, comer para se sentir bem e coisas assim são subprodutos dos ídolos que retêm meu coração[14]. Comportamentos problemáticos estão enraizados no coração e dizem respeito a Deus.

As idolatrias contidas em nossas relações com a comida, entretanto, são tão sociais como são biológicas ou psicológicas. Talvez meu pai tenha sido modelo de idênticas atitudes. Talvez minha mãe tenha usado a comida para receber amor e aquietar a ansiedade. Talvez eles tenham passado por um período de depressão financeira e experimentado severas privações, as quais deixaram marcas e fizeram da comida

---

[14] Mateus 4:1-4, 6:25-34, João 6 e Deuteronômio 8 são quatro passagens, entre muitas outras, que trabalham estes temas com detalhes práticos. Note como a linguagem em relação a Deus – amor, confiança, temor, esperança, busca, serviço, refugiar etc – aplica-se à comida.

um especial objeto de ansiedade. Pode ser que a comida seja o meio pelo qual se expressa amor, alegria, ira e poder. Pode ser que tenhamos sido bombardeados com propaganda agressiva de comida. As variações desses intercâmbios são infindas.

Membrezia na sociedade de filhos e filhas caídos de Adão faz com que cada um seja um adorador de comida de um jeito ou outro[15]. Fazer parte de uma soceidade de consumo forma uma idolatria típica. Um complexo sistema de valores idólatras pode ser ligado à comida. Por exemplo, caracteristicamente, almejamos grande variedade de coisas de comer. Comida tem um papel nas imagens de beleza e força, saúde e temor da morte. Comida – quantidades e variedades, modos de preparo e consumo – são provas de *status* social. Ser membro de uma sociedade faminta, igualmente, geralmente molda a idolatria de outras formas típicas. Ser membro da micro-sociedade da minha família vai alem dos estilos de idolatria e a particulariza. Quanto à comida, por exemplo, talvez em nosso sistema familiar a comida legitimasse irritabilidade, e comer fosse a salvação, livrando-nos de destruir-nos em ira. Ainda assim, em todos esses níveis de participação social, não perco minha individualidade. Ponho meu próprio carimbo idiossincrático na idolatria da comida. Por exemplo, talvez eu seja especialmente escravizado a batatinhas fritas quando estou tenso ou fico especialmente nervoso pensando se as comidas com corante vermelho são cancerígenas.

Segurança e idolatria

Os psicólogos comportamentais falam de "impulsos" e tendem a "baixar" o foco para as maneiras como somos iguais aos animais. Os humanistas e existencialistas, por sua vez, falam de "necessidades" e tendem a "levantar" o foco à singularidade dos alvos sociais e existenciais humanos. Mas a mesma crítica se aplica. Quando uma "necessidade de segurança" impele minha vida ou um segmento dela, estou outra vez engajando-me num comportamento religioso. Ao invés de servir ao Deus verdadeiro, o alvo que eu sirvo é a aprovação e o respeito de pessoas, quer seja eu mesmo ou outras. Sou um idólatra. Não sou "motivado por um desejo incontrolável por segurança". Sou "motivado por um desejo incontrolável por segurança ao invés de ser controlado por Deus". Ou, uma vez que desejos e temores são perspectivas complementares na motivação humana, "eu temo o homem" ao invés de ter "temor do Senhor". As teorias baseadas na necessidade, como as baseadas em "impulsos", não compreendem esse "ao invés de Deus", que está embutido no assunto da motivação humana. Não podem compreender o tema fundamental da idolatria, que vê que as coisas que tipicamente nos movem realmente existem, mas como desejos desordenados da carne, que são alternativas diretas à submissão ao desejos do Espírito.

Nossas ânsias por segurança, é claro, tanto são induzidas quanto são espontâneas. A "Feira das Vaidades" opera tão efetivamente aqui quanto com a nossa fome. As pessoas poderosas e persuasivas causam-nos espanto e intimidação de modo que confiemos nelas ou temamo-las. Ao convencer-nos de nossas falsas confianças e reconhecendo a potência de suas pressões sobre nós, as Escrituras mais uma vez oferecem a alternativa liberadora do conhecimento do Senhor[16].

Ídolos ou desenvolvimento secundário?

Quando as estruturas fundamentais da psicologia humanista são "batizadas" por cristãos, continua perdido o fundamental "ao invés de Deus" que permeia as motivações humanas. Por exemplo, muitos conselheiros cristãos tornam absoluta a necessidade ou anseio por amor. Como seres humanos observadores, percebem acuradamente que pessoas caídas e sob maldição são impulsionadas a procurar estabilidade, amor, aceitação e a formação, e que nos voltamos aos ídolos vazios à procura dessas bênçãos. Como cristãos comprometidos, freqüentemente querem levar pessoas a confiar em Jesus Cristo em vez de confiar em ídolos. Mas acabam introduzindo uma necessidade relacional *a priori* e unitária, como um anseio embutido ou um tanque vazio de amor como arcabouço da subseqüente divisão que o coração faz entre fé e idolatria.

Batizam esta "necessidade", descrevendo-a como criação de Deus. A idolatria torna-se um meio impróprio de preencher uma necessidade legítima, e nosso fracasso em amar outros torna-se produto de necessidades não realizadas. O Evangelho de Jesus Cristo redefine-se como um meio de preencher necessidades legítimas. Em tal teoria a idolatria é secundária, instrumento para a satisfação de

---

[15] Mateus 6:32 "Os gentios procuram estas coisas".
[16] Provérbios 29:25; Jeremias 17:5-8



necessidades. Essa satisfação é construída de forma a ser o conteúdo principal das boas novas de Deus em Cristo. Biblicamente, contudo, a idolatria é o principal fator motivacional. Falhamos em amar as pessoas porque somos idólatras que não amam a Deus nem ao próximo. Tornamo-nos objetivamente inseguros porque vivemos sob a maldição de Deus e porque os outros estão na mesma condição egocêntrica que nós. Criamos e experimentamos afastamento de Deus e dos outros. O amor a Deus ensina-nos arrependimento da "necessidade de ser amados", vendo isto como desejo descontrolado, e recebendo dele um amor real e misericordioso, aprendendo assim a amar em vez de sermos consumidos pela luta por conseguir amor.

Seres humanos anseiam por toda sorte de coisas boas e de falsos deuses – inclusive amor – na tentativa de escapar do senhorio de Deus. As psicologias da necessidade de amor não destronam a idolatria do santuário interior do nosso coração. Estruturalmente, a lógica dos sistemas de necessidade de amor são análogas aos falsos evangelhos da prosperidade, saúde e riquezas. Jesus dá a você tudo que você realmente deseja, sem duvidar dos seus desejos.

Não é surpresa que, bem ou mal, a psicologia da necessidade de amor apenas acende a chama para alguns tipos de aconselhados sintonizados à mesma onda, o que podemos chamar de ídolos de intimidade. Faltam a estas teorias apelo e efetividade transcultural para pessoas e lugares onde os ídolos reinantes não sejam íntimos, mas sejam, por exemplo, poder, estado social, prazer sensual, sucesso e dinheiro. Um sistema de necessidade de amor precisa interpretar tais ídolos de modo reducionista, como versões desfocalizadas ou compensatórias das "necessidades reais" que motivam pessoas.

A Bíblia é simples. Qualquer um dos ídolos pode influir sobre o coração humano. Os ídolos podem reduzir-se parcialmente uns aos outros: por exemplo, um homem com problema de luxúria e pornografia pode ser ajudado ao reconhecer, com arrependimento, que essa luxúria expressa ira sobre um desejo frustrado de ser casado, desejo este nunca reconhecido como idólatra. Ídolos podem ser compostos em cima de outros ídolos. Mas a luxúria sexual tem sua existência primária válida também como ídolo. Uma compreensão bíblica do motivo da idolatria explica porque modelos baseados em necessidades parecem tão plausíveis, reformando completamente o modelo. Na realidade bíblica não existe uma necessidade prioritária neutra e normal de amor na raiz da motivação humana.

O tema bíblico da idolatria oferece uma ferramenta penetrante para a compreensão tanto das fontes quanto dos caminhos do comportamento pecaminoso. As causas de certos pecados, sejam estes "impulsos biológicos", "forças psicodinâmicas interiores", "condicionamentos sócio-culturais exteriores" ou "tentações e ataques demoníacos", podem ser entendidos pela lente da idolatria. Essa compreensão ara o campo do aconselhamento, tornando-o cristão de fato como também de nome, a fim de ser uma ministração das multifacetadas boas novas de Jesus Cristo.

cinco

Estudo e análise

Utilizando-se um caso de uma pessoa ferida-irada-temerosa, exploraremos agora em maiores detalhes o relacionamento entre "mundo" e "coração" na produção de comportamentos complexos e disfuncionais, respostas emocionais, processos cognitivos e atitudes.

Walter tem 33 anos[17]. Está casado com Ellen há oito anos. Têm dois filhos. Ele é cristão. Um cristão altamente comprometido com Cristo. Trabalha meio período para sua igreja como administrador e meio período num ministério diaconal urbano entre pessoas pobres. Ele e a esposa procuraram aconselhamento

---

[17] Qualquer semelhança entre "Walter" e qualquer pessoa humana verdadeira é apenas coincidência, produto das semelhanças essenciais entre todos nós os detalhes externos deste estudo de caso são criados a partir de muitas vidas, alterados em todos os detalhes particulares de comportamento, gênero, idade, origem etc.
Semelhantemente, a análise de idolatrias deriva de uma análise bíblica do coração humano genérico, inclusive o meu próprio coração, e não de indivíduos específicos. Walter é todo homem, idiossincraticamente manifestando sua natureza humana idólatra.



depois de uma explosão séria no seu casamento freqüentemente fervilhante. Ele ficou com raiva e bateu nela, depois fugiu, ameaçando nunca mais voltar. Apareceu de novo três dias depois, cheio de remorso, culpa e um senso de fracasso total.

Os problemas atuais do casamento são versões exacerbadas de problemas de longa data: ira, incapacidade de se reconciliarem, ameaças de violência alternando com ameaças de suicídio, depressão, trabalho duro sem trégua alternando com escapismo, um padrão de bebida moderada quando sob estresse, falta de comunicação, utilização de pornografia e solidão. Walter não tem amigos próximos.

Há alguns anos ele se envolveu sexualmente com uma mulher a quem ajudou no seu trabalho como diácono. "Sei que estava errado, mas senti tanta pena dela por tudo que ela estava passando que acabei tentando confortá-la fisicamente". Acabou com o relacionamento e Ellen o perdoou, mas ambos reconhecem que houve resquícios de culpa e desconfiança.

Ele oscila entre ser um "lança-chamas" e um "congelador" . Por um lado é bruto, manipulativo, irado e não perdoador, enquanto do outro lado ele se retrai, se condói, é ansioso, culposo e tem medo de gente. Oscila entre raiva de Ellen por ela ser "mandona, irritante, tentar me controlar, não me apoiar e nem me escutar" e depressão pelos próprios pecados. Os modelos de comportamento dela e os dele criam um sistema de devolução em que cada um tende a ressaltar o pior no outro.

Walter cresceu numa família operária israelita secular. Nasceu quando seu pai tinha 52 anos e sua mãe 42. Com muito esforço, longas horas de trabalho e muitas economias eles conseguiram comprar uma casa num bairro relativamente afluente depois que Walter nasceu. Seu pai era um homem que criticava tudo, impossível de agradar. "Se eu tirasse tudo A e um B, ele perguntava por que tirei o B; se eu cortava a grama e limpava o quintal, ele dizia 'você se esqueceu de um lugar atrás da garagem".

Depois de aposentar-se aos setenta anos, o pai de Walter tornou-se muito mais terno, e como Walter tinha se convertido e tentava perdoá-lo, o relacionamento não foi tão mau nos últimos cinco anos de sua vida. Sua mãe era bem-intencionada, boazinha mas apagada, totalmente intimidada pelo seu pai. Walter tinha sido considerado um tanto esquisito durante o colegial: "nunca me enquadrei nos valores burgueses. Eu era inteligente demais, desajeitado demais, feio demais, tímido demais, e pobre demais para ser bem sucedido na escola".

Walter tornou-se cristão no primeiro ano de faculdade e imediatamente envolveu-se com trabalho para ajudar os pobres e necessitados. "Não tenho muita simpatia pelos crentes ricos de bairros abastados, mas amo os pobres, as mães solteiras, os ex-viciados, os pacientes psiquiátricos, os ex-prisioneiros, os órfãos e as viúvas. Seu compromisso cristão é intenso e domina toda a sua vida. Ama a Jesus Cristo. Crê no Evangelho. Seu desejo é compartilhar Jesus com os outros. Conhece os seus pecados comportamentais mas sente-se numa armadilha: "Reajo instintivamente, depois sinto-me culpado. Você sabe como é esse padrão!".

Financeiramente, Walter e Ellen não estão bem. Não gastam com extravagância, mas estão sempre enfrentando alguma crise ou decisão financeira. Dentista para os filhos? Devemos comprar uma casa? Devemos tirar férias ou trabalhar num segundo emprego para conseguir mais um pouco de dinheiro? Quantas horas por semana Ellen deve trabalhar fora de casa? Realmente dá para darmos o dízimo? Devemos atender o desejo dos filhos de comprar um aparelho de videocassete? Vivem de mês a mês e a época das contas cria bastante tensão.

Como o conselheiro cristão deve entender Walter a fim de auxiliá-lo?

"Feira das Vaidades": a sociologia da idolatria

Os ídolos definem bons e maus caminhos de maneira contrária às definições de Deus. Estabelecem um lugar de controle preso à terra: em objetos (por exemplo, um desejo desordenado por dinheiro), em outras pessoas ("preciso agradar meu pai que é um crítico") ou em mim mesmo (uma busca auto-confiante de meus alvos pessoais). Tais falsos deuses criam falsas leis, falsas definições de sucesso ou fracasso, de valores e estigmas. Os ídolos prometem bênção e avisam quanto à maldição para os que obtêm sucesso ou fracassam contra a lei: "Se você fizer um investimento suficientemente grande, terá segurança. Se eu conseguir com que certas pessoas gostem de mim e respeitem-me, minha vida tem valor". Existem muitos valores idolatras que influíram em Walter e continuam a pressioná-lo, seduzindo-o, assustando-o, controlando-o, constringindo-o e escravizando-o.

As exigências perfeccionistas de seu pai estavam entre os ídolos de maior destaque, cunhados na história pessoal de Walter: "Você tem que me agradar do jeito que eu determinar". Walter acreditou nas exigências pecaminosas e mentirosas de seu pai. "Temor de homens" descreve o fenômeno do ponto de vista psicológico da equação, um "ídolo do coração" todo particular. A "opressão" e a "injustiça" descrevem as exigências de seu pai pelo lado sociológico. Observamos o domínio de um pai cujo estilo de liderança era de um rei tirano, não um rei-servo que promova o bem-estar do filho18. Em essência, ele mentia, oprimia, escravizava e condenava. "Lembro-me de estar deitado na minha cama enquanto meu pai continuava ralhando e xingando em longos sermões". Walter estava condicionado a preocupar-se muito com coisas que as pessoas significativas pensavam dele. Ao mesmo tempo, ele comprou o ídolo. É simultaneamente culpado e vítima. Foi abusado por ídolos poderosos que operavam dentro do seu sistema familiar. Ele instintivamente tanto comprou tais ídolos quanto produziu seus próprios ídolos para competir com aqueles.

Os relacionamentos raramente são estáticos. Havia várias facetas e diversas fases do relacionamento de Walter com a opinião crítica de seu pai. Por vezes ele temporariamente conseguia agradar o seu pai e sentia-se de bem consigo mesmo. Noutras vezes ele era, aos olhos de seu pai, um fracasso, ganhando apenas desprezo por ser "um zero, emotivo como uma mulher". Ainda em outras ocasiões ele lutava obsessivamente, quase como um maníaco, para agradar seu pai. Certa vez ele passou as férias de verão aprendendo a driblar com uma bola de basquete "para não parecer uma menina de seis anos". Alguns dos modelos clássicos de sintomas de "baixa auto-estima" ficaram fixados nessa luta.

Em outras ocasiões, Walter rebelou-se contra seu pai e suas exigências implacáveis. Lançava sua vontade contra a de seu pai. Sendo muito inteligente, ele era um rebelde criativo e formidável. Na adolescência, conseguiu deixar seu pai meio maluco estabelecendo sistemas de valores contrários (fazendo ídolos contrários): música *rock,* roupas e cabelos bizarros, política de esquerda, uso de maconha. Um ídolo —"preciso agradar meu pai" — levou a outro —"vou fazer o que eu quiser e me colocar em oposição a meu pai"[19].

Há até mesmo na conversão de Walter ao cristianismo elementos que podem ser considerados como parte dessa tendência de se opor à cultura secular, étnica, judaica, de ascendência econômica e social, de seu pai. Por vezes seu próprio cristianismo pôde ser usado para atormentar seu pai. Os ídolos são fluidos. A posição rebelde acabou se tornando no compromisso mais permanente de Walter, e sublinhava um certo ressentimento que ele ainda sente em relação ao pai, mesmo após a sua morte. Mas a rebeldia não vem sem misturas. Pode ser pintada com arrependimentos, um senso de fracasso, ou mesmo de tendências misericordiosas e ternas. "Às vezes acho que fiz as pazes com meu pai—uma paz honesta, misericordiosa, que Cristo operou às duras custas em mim. Outras vezes sei que eu me perco e reajo como a fera ferida e orgulhosa que eu era outrora".

O pai de Walter também não era estático. Nos seus últimos anos ele ficou bem mais manso. A fé cristã de Walter e a evolução de seu pai para um homem mais terno, juntas trouxeram uma boa medida de bondade e perdão para o relacionamento. Tornou-se pacífica mas nunca calorosa. Os ídolos possuem história, um "tempo de vida na prateleira"[20]. A Feira das Vaidades evolui. Um pai exigente torna-se em pai menos exigente que acaba promulgando um ídolo mais amigável: queria o calor da "família" e uma aposentadoria tranqüila. Nossos corações também evoluem. Um adolescente com compulsão de agradar torna-se um jovem que quer em parte agradar e em parte rebelar-se. O jovem torna-se um homem de meia idade impulsionado e assombrado por alguns dos mesmos modelos de compulsões contraditórias, mesmo após a morte de seu pai. Walter almeja a aprovação e o respeito das pessoas, mas ao mesmo tempo rebela-se e isola-se no seu orgulho.

Ídolos múltiplos

Tornamo-nos infestados por ídolos. Os moldes da idolatras no relacionamento de Walter com seu pai manifestam-se em outros relacionamentos. Walter tinha problemas constantes com figuras de autoridade

---

[18] Marcos 10:42-45

[19] João Calvino, em seu discurso notável sobre a natureza do homem no início de suas *Institutos,* comenta como os ídolos "fervilham dentro de nós". Poderia ser dito igualmente que eles fervilham ao nosso redor. Há sempre algum objeto por perto em que nós colocamos fé.

[20] Sou devedor a Dick Keyes de L'Abri Fellowship por esta frase.

na escola, no exército, no trabalho e na igreja. Ele tem tido o mesmo tipo de problemas com a esposa, os amigos e até mesmo seus filhos. Naturalmente traz esse mesmo modelo para o relacionamento com o conselheiro, com todos os desafios que existem para se construir a confiança e um relacionamento que funcione. Continua a manifestar uma mistura típica de problemas decorrentes: um desejo de aprovação quase como de escravo, uma profunda suspeita de que não será aprovado, uma independência obstinada.

Trabalharemos com afinco com a maneira como as exigências de seu pai constituíram um sistema idolatra que dominava os afetos de Walter. Daremos menos detalhe às outras influências, embora cada uma possa ser explorada de modo igualmente detalhado. A passividade de sua mãe em face aos conflitos foi modelo para ele e ainda influencia seu relacionamento com Ellen. Os "valores burgueses" dos seus colegas de escola: namoro, esportes, conseguir marcar pontos sexualmente, aparência, roupas, dinheiro, o que é "legal" também deixaram-no rotulado como um fracasso e alimentaram ao mesmo tempo sua rebeldia e seu senso de incapacidade. Ele comprou os valores burgueses e fracassou contra eles. Rebelou-se contra esses valores e comprou os valores alternativos da cultura de entorpecentes, na qual obteve sucesso. Rebelou-se contra os "quadrados" e os drogados e isolou-se como se fosse um mundo de um só. Isso às vezes dava certo e às vezes não funcionava. Todas essas coisas aconteceram, por vezes simultaneamente, por vezes sucessivamente.

Até mesmo os valores da contracultura de sua subcultura de "cristianismo radical" podem ser entendidos em parte como um estreitamento idolatra da vida cristã, em reação à equação do cristianismo, igualmente idolatra, ao "Sonho Americano". Certos bens bíblicos são aumentados, excluindo-se outros bens bíblicos. De várias maneiras, Walter continua desempenhando um tema de três aspectos. Primeiro, rebela-se contra certas culturas dominantes de "pessoas bem sucedidas". Segundo, encontra valor na afirmação de uma subcultura "de pobres e oprimidos". Terceiro, enquanto tudo isso, age com orgulho estranho para produzir sua própria cultura-de-um-só na qual ele é rei e suas opiniões sobre qualquer coisa, seja ela o jantar ou a escatologia, são verdades auto-e videntes.

"Quem poderá entender o coração do homem?!". E quem entende o mundo que faz negócios com o coração? Walter e as múltiplas forças que impingem sobre ele fogem à análise exaustiva e racional. Contudo podemos descrever o suficiente daquilo que ocorre em seu coração e seu mundo complicados a ponto de ministrar ajuda efetiva a ele. E o Walter que conhecemos hoje é apenas o Walter de hoje, não o Walter de algum outro ponto na sua história particular. O aconselhamento bíblico, a mente de Cristo quanto à vida de Walter, pode ser compartilhado. Sabedoria, a língua doce e benfazeja, pode dar sentido que satisfaz às coisas, e Walter pode aprender a viver, pensar e agir com essa sabedoria.

Muitos outros sistemas e subsistemas de ídolos influem sobre Walter. Alguns são os descritos por Bunyan em sua Feira das Vaidades: atitudes culturais, valores, temores e oportunidades relacionadas a dinheiro, sexo, comida, poder, sucesso ou conforto. Certos ídolos de rostos meigos como a mídia, esportes profissionais, a indústria de álcool, seduzem-no para compensações temporárias e falsos salvadores escapistas que propõem livrá-lo das pressões geradas por sua escravidão aos ídolos duros que o espancam noutras horas: "Tenho que desempenhar bem. Tenho que provar meu valor. Todo mundo que eu respeito tem que gostar de mim. E se eu fracassar?".

Alguns dos outros sistemas de ídolos que causam impacto diário sobre Walter encontram-se dentro do sistema conjugai e familiar. Os valores e desejos de Ellen e dos filhos provocam e persuadem a Walter de diversas maneiras. Se Ellen estiver preocupada com dinheiro, se as crianças só ficam se queixando quando não conseguem o que querem, se Ellen apoquenta-o com expectativas moralistas de mudança de comportamento Walter fica preocupado, zangado, complacente, deprimido, defensivo, cheio de negação, ou qualquer outra coisa, dependendo de como ele interage com a micro-sociedade que o constringe naquele momento particular[21].

---

[21] Onde começamos o aconselhamento? Existem hierarquias de influência ou relacionamentos "chaves" de maior importância para se lidar primeiro? Talvez haja. Em especial, o relacionamento de Walter com seus pais seria a chave para aconselhamento efetivo? Não necessariamente, embora a psicologia psicodinâmica tem a forte tendência de ressaltar os relacionamentos pais e filhos. A Bíblia não tem a mesma tendência (nem em favor nem contra o exame dos relacionamentos com os pais). Não acredito que neste caso, como apresentado, o relacionamento de Walter com seus pais seja a coisa mais importante a se enfrentar no aconselhamento. Teoricamente, poderíamos começar com qualquer relacionamento problemático na vida de Walter, e acabaríamos lidando com as mesmas questões: ídolos e pecados. Minha maneira de agir seria de enfrentar pequenos casos que envolvam Walter, Ellen e as crianças. É ali que a maioria dos problemas mais quentes estouram. Seu relacionamento com o pai poderia surgir, como também poderiam surgir outros relacionamentos significativos, ao enfrentar-mos as questões "ao vivo".



Essa forma de explorar aquilo que me dirige é "sociológica". Os falsos deuses são altamente contagiosos! Com toda razão tanto o Antigo como o Novo Testamentos estão cheios de admoestações quanto à participação nas culturas pagas associadas com idolatras, néscios, falsos mestres, pessoas iracundas e assim por diante. Nossos inimigos não apenas ferem-nos como também tentam nos tornar como eles. Falsas vozes não são apenas criações imaginativas ou produtos de alucinações da alma. O "mundo" complementa a "carne" constituindo um mal gigantesco: a criação de ídolos ao invés da adoração do Deus verdadeiro.

Se queremos ajudar as pessoas a volver os olhos e ouvidos para Deus, devemos saber bem quais os deuses alternativos que clamam por atenção. Essas forças e influências não determinam e nem desculpam o nosso pecado. Mas nutrem, canalizam, e exacerbam nossa pecaminosidade em determinadas direções. Freqüentemente são influências atmosféricas, invisíveis, inconscientes. O arrependimento consciente começa a florescer quando eu vejo tanto as minhas distorções quanto as distorções que me são impingidas pelas outras pessoas. Ambas tentam-nos e tenho que lutar contra as duas.

A Escritura é sensível às forças sociológicas sem comprometer a responsabilidade humana. Mas, naturalmente, os ídolos também estão "aqui dentro" nos nossos corações, determinando o curso de nossas vidas. Na presente discussão, a resposta do coração de Walter para com o ambiente — ídolos do coração— continuamente se intrometia. É impossível desligá-los totalmente. Na próxima seção olharei com mais detalhes para a dimensão psicológica da idolatria.

Ídolos do Coração: a psicologia da idolatria

No nível mais simples Walter assumiu os ídolos aos quais estava exposto e fabricou os seus próprios ídolos. Variavelmente teve sucesso, fracasso ou rebeldia contra diversos sistemas de valores. Mas em cada caso ele alimenta e serve valores não bíblicos. Sua vida implicitamente valida muitas mentiras. Seu coração é profundamente dividido entre o Deus verdadeiro e os ídolos. Será que ele é cristão? Sim. Mas o trabalho contínuo de renovação tem que envolvê-lo autenticamente acima dos padrões particulares da idolatria que substituem a fé em Cristo. Tem havido uma medida de frutos autênticos na sua vida. Mas tem havido também uma medida de dobrar o verdadeiro Deus para a agenda da carne.

Os ídolos são raramente solitários. Nossas vidas ficam infestadas por uma variedade de falsos deuses. Por exemplo, Walter oscila entre "orgulho" e "temor de homens"[22]. Orgulho ou "brincar de Deus" gera uma espécie de pecados: ira, manipulação, compulsão de controlar as pessoas e circunstâncias, rebeldia contra os pais ou contra a burguesia. O temor de homens ou "transformar os outros em deuses" gera outro conjunto: preocupação consigo mesmo, temor, depressão, fracasso, ansiedade, retraimento, um senso profundo de inferioridade, comportamento de camaleão. Estes trabalham juntos para produzir o seu "perfeccionismo", tanto no seu aspecto de ansiedade quanto no aspecto de exigências. "O meu desempenho aos seus olhos. O seu desempenho aos meus olhos".

Muitos outros deuses ficam esperando nos bastidores, de vez em quando surgindo para desempenhar papéis menores no drama da vida de Walter. De vez em quando o deus de Walter é um anseio por conforto e fuga da panela de pressão que ele mesmo criou. Uso exagerado de álcool, televisão, videogames e pornografia oferecem escape momentâneo. Por vezes ele é possuído pelo desejo de "ajudar as pessoas": torna-se obcecado com seu ministério, irado com qualquer que o impeça, tendente a uma síndrome de messianismo, justificando quaisquer atos dúbios da sua parte referindo-se ao valor supremo de "meu ministério". Naturalmente, esta é apenas uma amostragem. Qualquer outro, proveniente de dezenas de "deuses menores", poderá aparecer no templo do seu coração, dependendo do trânsito, do tempo, de como sua mulher tratou-o, de como as crianças foram na escola etc.

O verdadeiro Walter é irredutivelmente complicado! Mesmo que o retrate com pinceladas largas, fica claro que sua vida surge de um mosaico de falsas lealdades que está sempre mudando. Notando isso, será que há outras hierarquias de ídolos de significado especial no caso de Walter? Sim, existem. A vida de Walter pode se desenrolar com temas típicos e sempre repetidos. Num sentido lato, ele é um "tipo",

---

Mas, para que Walter cresça e renove-se, para que possa arrepender com inteligência, transformar de coração e no comportamento, ele não precisa necessariamente olhar o relacionamento com seus pais.

[22] E "não vos sobreveio tentação que não fosse humana" (I Coríntios 10:13). O orgulho/temor de homens é característico da natureza humana. Desenvolve-se numa imensa variedade de formas diferentes.



embora nunca se possa reduzi-lo a um tipo rígido de diagnóstico por causa da miríade de ídolos mutantes que o constrangem. Certos ídolos parecem-me predominantes na vida do Walter. "Orgulho" (faço papel de deus) e "temor de homens" (coloco-os como deus) são muito importantes. Encontramos variações dos temas "quero a minha vontade" e "como é que estou me saindo aos seus olhos?" sempre se repetindo na vida de Walter. Ora a exigência, ora o temor destacam-se. Outros ídolos tipicamente dominantes — prazer sexual, dinheiro etc. — certamente têm voz na vida de Walter mas de forma menos forte, menos incitante, o que em outro aconselhando poderia ser grandemente intensificado.

É impressionante como as categorias bíblicas — o motivo da idolatria, neste caso — estão próximas dos detalhes concretos da vida e não se restringem a tipologias abstratas. As semelhanças entre as pessoas tendem a ser focalizadas. Em nossa cultura psicologizada estamos acostumados a definir as análises de Walter e outros conforme uma tipologia. E uma pessoa introvertida. É um agradador. É controlador. É uma mistura de temperamento melancólico com colérico. Ele é um típico filho-adulto-de-alcoólatra, ou membro de uma família disfuncional. Seu pecado-raiz é a ira. Seu problema é uma baixa auto-imagem. Na categoria DSM-III ele é um... , e assim por diante. Tais rótulos passam como sendo conhecimento importante. Na verdade, nada explicam, mas são simplesmente modos de descrever grupos de sintomas comuns.

seis

Ídolos de raízes?

Dada a prevalência desse tipo de rotular as pessoas, pode-se esperar que alguém diga algo como "Seu ídolo de raiz é...". Mas os dados sobre a idolatria geralmente não sustentam tais entendimentos reducionistas do coração humano[23]. No máximo podemos dizer "Seu ídolo mais característico é ... geralmente ... mas em outras vezes...!". Com propósito puramente heurístico, pode ser útil notar que enquanto uma pessoa está sintonizada a ídolos de intimidade, outra vincula-se a ídolos de desligamento, outras para ídolos de poder, outras a ídolos de prazer, outras com ídolos religiosos, e assim por diante. O estilo de pecado de uma dada pessoa *j*- sua "carne característica" no termo de Richard Lovelace[24] tende a juntar-se ao redor de certos ídolos predominantes.

Mas como o pecado é um hábito é também criativo! Não podemos nos esquecer de que o reducionismo oferecido consistentemente pela Bíblia não é uma tipologia que distingue as pessoas umas das outras, mas um comentário resumido que destaca aquilo que nos é comum: todos pecaram e se desviaram de Deus, "cada um pelo seu próprio caminho", fazendo "o que é reto aos seus próprios olhos"[25]. Sob essa gigantesca caracterização o templo está abarrotado de formas de ídolos e falsos deuses em potencial. Os desejos desenfreados e proliferantes da carne contendem com o Espírito, necessitando de nossa fé e obediência. As tipologias são pseudo-explicativas. São descritivas, não analíticas, embora como ferramentas conceituais para diversas psicologias e psicoterapias elas finjam ter poder de explanação. No máximo, as tipologias descrevem "síndromes", padrões de frutos e experiências de vida que muitas vezes ocorrem juntos[26]. As tipologias atuais não ajudam a expor as questões verdadeiras das vidas de pessoas de verdade. No máximo são redundantes de boas descrições e conhecimento íntimo de um indivíduo em especial. No pior caso, carregam um frete conceituai enganoso, pois esquivam-se totalmente das questões de idolatria.

---

[23] É claro que num período específico ídolos específicos terão de ser nomeados e enfrentados. O aconselhamento bíblico sábio lida com específicos. Jesus enfrenta o jovem rico com sua adoração *de Mamon.* A parábola do semeador confronta as pessoas com sua incredulidade, seu conformismo social, suas riquezas preocupantes, prazer e seus cuidados (todos podendo ser descritos como expressões do motivo de ídolos). No Antigo Testamento, Elias confrontou a adoração de *Baal* diretamente. Por exemplo, Walter precisará resolver sua necessidade de ter um bom desempenho aos olhos dos outros à medida que a questão desfralda-se no aconselhamento.

[24] Richard Lovelace. *Dynamics of the Spiritual Life* (Downers Grove, II.: Intervarsiry Press, 1979), página 110.

[25] Isaías 53:6 e Juizes 21:25

[26] A palavra "síndrome" deve ser despida de suas pretensões clínicas de poder explicativo signifícante. É puramente descritiva, metafótica. Significa, aqui, literalmente "coisas que tendem a andar todas juntas".

Como se explica o fato de que nós todos não somos exatamente como o Walter, embora compartilhemos o mesmo conjunto genérico de tendências idolatras? As formas numerosas de orgulho e temor de homens, obsessão com prazeres da sensualidade, preocupação com dinheiro, tendências de autoconfiança quanto a nossas próprias opiniões, agendas, capacidades, a criação de falsas visões de Deus baseadas nos nossos desejos e experiências, o desejo de ser intrinsecamente justos, dignos e respeitáveis, e assim por diante. Jay Adams comentou com acuidade sobre como há algo em comum dentro de todos os estilos individuais de pecado:

O pecado, portanto, em todas as suas dimensões, é claramente o problema com o qual o conselheiro cristão terá de lidar. Possui dimensões secundárias — as variações de temas comuns — que tornam tão dificultoso o aconselhamento. Conquanto todos os homens tenham nascido em pecado e desenvolvem as mesmas práticas e fugas pecaminosas, cada indivíduo desenvolve o seu próprio estilo de pecado. Os estilos (combinações de fugas e de pecados) são particulares a cada indivíduo, mas sob eles existem os temas comuns. É obra do conselheiro descobrir esses fatores comuns sob os indivíduos"[27]

"Vizinhanças" na Feira das Vaidades

Como é que os estilos individuais desenvolvem-se? Certamente as "vizinhanças" particulares na Feira das Vaidades podem valorizar ídolos diferentes. Não nos surpreende que a exigência e o desagrado do pai de Walter possa se correlacionar com uma determinada forma de "temor de homens" como ídolo significativo no seu coração. Contudo, em razão do intercâmbio contínuo do coração-cunhador-de-ídolos com o meio-ambiente-oferecedor-aos-ídolos, outra criança poderia ter crescido com pais muito afirmadores e o "temor de homens" poderia igualmente ser desenvolvido como um desejo dominante de jamais ser rejeitado ou fracassar. Nossos ídolos cobiçam aquilo que não temos e agarram com a vida aquilo que possuímos.

Muitas das nuances de nossas idolatrias são formadas socialmente pelas oportunidades e pelos valores que nos cercam. Por exemplo, não é de surpreender-se que mais pessoas se tornarão homossexuais (ou adúlteras, ou pornógrafas, ou seja lá o que for) numa cultura que torna certas formas de pecado sexual mais fáceis de "assumir", legitimar ou tornar normal. Por exemplo, Walter cresceu numa família moderadamente obcecada com sucesso acadêmico e profissional. Seu vizinho da casa do lado talvez tivesse crescido numa família obcecada por prazer escapista, vivendo para os programas de esportes e grandes *shows* na televisão. Os ídolos genéricos em cada coração podem ter frutos diferentes nas pessoas diferentes. Por exemplo, hoje em dia ninguém é ameaçado por formas de idolatria religiosa na adoração de Baal, mas o Mormonismo é uma ameaça semelhante.

Muitas variações entre nós são possibilitadas pelos "acidentes" da experiência da vida: tragédias ou vida mansa, deficiências ou saúde, riquezas ou pobreza, Nova Iorque ou Uganda ou Rio de Janeiro, uma escolaridade colegial ou acadêmica de pós-graduação, primogênito ou oitavo filho, masculino ou feminino, nascido em 1500 antes de Cristo ou 1720 ou 1920 ou 1960, e assim por diante. Muitas variações individuais são devidas a diferenças hereditárias e de temperamento: tipos de inteligência, coordenação e capacidade física, variedade de talentos e habilidades, diferenças hormonais e de metabolismo e assim por diante. Em última análise, a escolha idiossincrática dentre as muitas oportunidades e opções que se encontram na vida dão uma gama quase que infinita de "individualidade" entre as *"comunalidades"* que as categorias bíblicas discernem em nós.

As categorias de diagnóstico que penetram as *"comunalidades"* são tais como "idolatria versus fé", que empregamos aqui. Somente estas podem incluir tanto as mudanças quanto as relativas estabilidades do mundo, carne e diabo na vida de Walter, e podem abarcar o verdadeiro Deus que o salvou. Aplicam-se a *todas as pessoas* de modo simples mas nunca simplista, levando em conta as complexidades todas. Em todas as nossas diferenças, a Bíblia fala a cada um de nós.

sete

---

[27] Jay Adams, Manual do Conselheiro Capaz

Outras perspectivas diagnosticas e o evangelho: interpretação multiperspectiva

Conforme indicamos, o emaranhado de comportamentos, atitudes, conhecimentos, julgamentos de valores, emoções, influências e tudo o mais podem ser entendidos nos seus detalhes pela utilização da idéia bíblica do que é idolatria, A confusão na vida de Walter foi produzida pelo intercâmbio entre ídolos em especial do seu coração e ídolos do seu ambiente social. Os pecados ocorrem na confluência dos motivos desorientados do coração e sistemas sócio-culturais de todas as espécies. A intenção deste nosso livro é explorar algumas das densas ligações entre a carne e o mundo. Mas existem outras abordagens importantes de reconhecer-se.

Nota-se a ausência de atenção à igualmente densa conexão entre o diabo e o mundo e a carne na produção da vida disfuncional e pecaminosa de Walter. "Quem me dirige?" é uma pergunta que implica em consciência de poderes espirituais. ídolos e demônios andam de mãos dadas na adoração de falsos deuses. Não é de surpreender que o senhorio funcional de' satanás seja evidente nas idolatrias mais sutis que escravizam a vida de Walter. Isso significa que Walter seja "endemoniado" e que o tratamento que escolhemos seja o exorcismo? Definitivamente não. Mas quando estamos com medo ou irados de maneira problemática, citando-se, para exemplificar, dois frutos especialmente maus, estamos sendo formados à imagem de satanás ao invés de à imagem de Cristo. As mesmas modalidades que lutam contra o mundo e a carne lutam também contra o diabo. A fé inteligente no Evangelho de Jesus Cristo é a resposta final. Mas a consciência de que ocorre uma batalha espiritual enfatiza o fato de que o aconselhamento cristão é um ministério de oração[28]. A consciência da batalha espiritual também ajuda a sacudir-nos do modo de pensar das ciências comportamentais, que nos tentam a pensar nas pessoas psico-socialmente ao invés de vê-las em relação a Deus.

Os estratagemas do Senhor das Trevas são todos feitos com intenção de estabelecer o seu domínio sobre as pessoas. Satanás metodicamente desintegra os relacionamentos de Walter, conduzindo-o a pecados grosseiros, enganando sua mente com distorções e percepções seletivas, acusando-o ao ponto do desespero, desencorajando-o, amarrando sua vida em nós de toda espécie, fazendo desejos normais crescerem a ponto de tornar-se anormais e viciantes e assim por diante. Este trabalho tem principalmente focalizado "mundo e carne". "O diabo" completa a tríade gigantesca das perspectivas bíblicas sobre a motivação dos comportamentos problemáticos.

Também nota-se a ausência de atenção detalhada às influências somáticas sobre Walter. Seus problemas são aumentados por alergias, exaustão, uma dieta com comidas de pouco valor nutritivo, frustração sexual e um estilo de vida sedentário. Atenção a modelos de irritabilidade, tensão matrimonial, lascívia sexual e depressão demonstraria um componente somático plausível. A regulagem do uso de cafeína e de açúcar, descansar mais, ter relações sexuais e exercícios podem tornar os sintomas de Walter mais moderados. Os sintomas de Walter também apontam para influências somáticas. Fatores somáticos, no mínimo, influenciam a "quantidade" dos problemas de Walter, embora não criem a "qualidade" desses problemas. Uma irritabilidade tensa pode estourar, tornando-se em ira descontrolada e abuso verbal. Um caso de "estar jururu" poderá se tornar desespero total. Uma tendência de olhar maliciosamente para as mulheres pode levá-lo a comprar *Playboy.* O corpo de Walter exacerba ou modera a intensidade de seus pecados. Não cria novos tipos de pecado.

O papel da vontade

Também nota-se a ausência de uma discussão do grau ao qual o comportamento de Walter atinge pela vontade, e portanto, que ela é imediatamente controlável. Como enfatizamos mais cedo, a atenção bíblica aos motivos do coração e ao mundo não tiram a força da visão bíblica da responsabilidade humana. Walter escolhe, até mesmo quando mergulha em "valas" bem conhecidas, onde uma forquilha na estrada parecia inexistente. Walter tem progredido na autodisciplina em diversas ocasiões de sua vida. Sabe o que é certo e o que é errado. É capaz de descrever as muitas vezes quando ele obstinadamente escolheu o erro. Também pode descrever as ocasiões quando agiu em fé, cônscio de Cristo, escolhendo o que é certo.

Reconhecer a escolha não nega o poder do mundo, da carne e do diabo. Quanto mais Walter se conhece e conhece seu ambiente, mais ele percebe e experimenta que *sempre* esteve fazendo escolhas.

---

[28] Atos 6:4 é um texto clássico que define o ministério em termos de verdade e oração. Efésios 6:10-20 é um texto clássico sobre o modo da batalha: fé, em todos os seus elementos e modos de expressão, é o que vence os poderes demoníacos. Tiago 3:13-4:12 acrescenta a nota de que o arrependimento é essencial para se vencer satanás.



Um dos propósitos de se trabalhar com o tema de ídolos (ou com seus equivalentes mais culturalmente acessíveis ou aceitáveis: desejos, esperanças, temores, expectativas e alvos idolatras que escravizam as pessoas) é que se expande a arena na qual Walter está cônscio das escolhas que implicitamente tem feito. A santificação expande a arena da escolha consciente e do autocontrole bíblico.

Também notavelmente ausente está a discussão da providência de Deus em produzir experiências intensas e transformadoras. A conversão de Walter "caiu do céu" dando-lhe meses de liberdade dos pecados, alegria em Cristo, e um amor crescente pelas pessoas. Ele já teve outros "altos" como crente: tempos de maior visão, amor e liberdade produzidos por um bom sermão, num retiro, ou por alguma inexplicável abertura do coração para Deus em algum momento de sua vida quotidiana.

Mas as mudanças na vida de Walter, sejam elas produto de vitórias numa batalha espiritual consciente, sejam de alterações fisiológicas, sejam de compromisso de sua vontade, sejam devido a alguma experiência "do cume da montanha", todas aparentemente "acontecem" aleatoriamente. Estes quatro paradigmas muitas vezes oferecem o material com o qual Walter pensa sobre os problemas e mudanças em sua vida. Walter tem muito pouca confiança de que sua vida esteja se movendo em direção de mudanças coerentes, inteligentes, desejáveis e de alma íntegra. Em geral sua vida parece-lhe um caos infeliz, com momentos ocasionais de alívio dos sintomas. Um dos alvos deste estudo é descrever diversos elementos que podem tornar mais coerentes, internalizadas, conscientes e autenticamente transformadoras as mudanças. Na minha experiência com os "Walters", tanto dentro quanto fora da igreja, percebo que eles tendem ser muito cegos naquilo que os move. É fenômeno curioso mas nada raro que uma pessoa que conheça a Bíblia como Walter não tenha um domínio efetivo sobre os ídolos de seu próprio coração e as tentações da Feira das Vaidades particular que assolam sua vida[29]. Walter é todo ação, impulso e emoção. Sabe relativamente pouco sobre o que Deus vê que ocorre em seu coração e em seu mundo. A pergunta "Qual o plano de Deus para minha vida?" freqüentemente poderá ser respondida com confiança quando começo a entender os temas que se desenrolam em minha vida.

A minha análise tem sido predominantemente "psicossocial" (um psicossocial aliancista!). Uma análise bíblica completa dos problemas teria que ser "psicosocial-espiritual-somática-volicional-experiencial"[30]. Entender o peso exato de cada variante, obviamente seria, do ponto de vista humano, apesar das intenções dos cientistas sociais, uma ilusão inatingível. Mas a resposta bíblica é sempre aplicável de modo poderoso: desviar-se dos ídolos em direção ao Deus vivo e verdadeiro, renovação de mente e coração na verdade, atividades incluídas na expressão "arrependimento e fé".

oito

A Questão de senhorio

Existe utilidade em fazer com que se sobressaiam esses dois fios de motivação humana sem jamais esquecer-nos de que estamos focalizando apenas algumas de diversas perspectivas dentre um todo unificado. Os dois que eu focalizei neste trabalho são o coração e o meio social, que sem dúvida alguma recebem a maior atenção bíblica. Mas a questão da motivação humana é afinal a questão multiperspectiva de senhorio, de fé nos ídolos e falsos deuses em contraposição com a fé viva no Deus verdadeiro. Isso pode ser visto através de diversas lentes:

- Senhorio através da lente de nossos corações. A vontade do Espírito, cheia de graça, "caminho estreito" versus os desejos desenfreados e idolatras da minha carne.

[29] A Bíblia indica a razão para isso descrevendo com freqüência nossos desejos desordenados como "enganadores". Satanás é o arqui-enganador. Tendemos a conformarmo-nos com os enganos atmosféricos de nosso meio ambiente social. Nossos ídolos são tão plausíveis e instintivos que podem até mesmo ser descritos sem que sejam vistos como problemas importantes na vida da pessoa.

[30] Existem sem dúvida inúmeras outras maneiras de se "cortar o bolo" da motivação humana. Veja o artigo de Tim Keller, "Puritan Resources for Biblical Counseling" *(The Journal of Pastoral Practice,* 9:3, 1988, páginas 11-44) para um retrato estimulante das sutilezas multiperspectivas de uma geração anterior de conselheiros cristãos.

- Senhorio através da lente das influências sociais. A conformação social com Reino de Deus e com o corpo de Cristo versus embeber-se dos modelos e valores dos reinos deste mundo (diversos micro-reinos de sistemas conjugais e familiares, até através dos reinos progressivamente maiores de vizinhança, escola e culturas de ambiente de trabalho, grupos étnicos, classe econômica e social, nacionalidade etc.
- Senhorio através da lente de nossos mestres espirituais: o bom Rei Jesus *versus* o tirano Satanás.
- Senhorio através da lente de influências somáticas: viver com dores no corpo e frustrações, na espera da ressurreição *versus* serviço imediato e preocupação com as dores, os prazeres, as carências e os desejos de meu ventre e de meu corpo.
- Senhorio através da lente de escolhas de nossa vontade: fé consciente nas promessas de Deus e obediência à vontade de Deus *versus* acreditar e escolher de acordo com minha vontade, meus desejos e minas opiniões espontâneas: "o caminho que ao homem parece direito".
- Senhorio através da lente da providência experimentada. Aprender a regozijar-se com Deus entre as bênçãos e arrepender-se e confiar em Deus no meio ao sofrimento *versus* tornarmo-nos presunçosos, orgulhosos ou auto-satisfeitos quando as coisas vão do jeito que queremos e deprimidos, irados ou temerosos quando a vida é dolorosa, frustrante ou incerta. Embora este livro tenha comentado especialmente o intercâmbio entre as primeiras duas lentes, a minha intenção através de tudo foi de expandir nossa visão de "Walter", não de constringi-la. Dentre o quadro dos conceitos bíblicos, podemos trazer à visão tudo sobre Walter e seu mundo. A idéia de comportamento como sendo regulado permite-nos juntar alguns paradoxos aparentes. Walter é inteiramente responsável pelo que faz. A vida interior de Walter está cheia de distorções e compulsões cegas. Walter está sendo continuamente condicionado pelo lado de fora: tentado, provado e enganado. Walter é também um cristão. O espírito e a Palavra podem trabalhar poderosamente, dando-lhe nova direção de dentro para fora, e libertando-o do controle daquilo que impinge sobre ele.

Idolatria e o ministério do Evangelho de Jesus Cristo

Minha atenção tende fortemente à questão do diagnóstico: como é que biblicamente podemos entender as pessoas? Mas o diagnóstico bíblico faz imediatamente uma ponte para o tratamento bíblico. A compreensão das pessoas que aqui apresentamos capacita a aplicação relevante da mensagem do Evangelho aos problemas de pessoas em aflição.

Um dos principais desafios que conselheiros cristãos enfrentam é o de como aplicar o Evangelho do amor de Deus de modo prático. Existem muitas maneiras erradas, distorcidas ou inadequadas de se tentar fazer isso. O Evangelho é facilmente enfraquecido quando os ídolos do coração e a Feira das Vaidades não são percebidos ou são mal percebidos. Mas se compreendermos acuradamente o intercâmbio dos comportamentos responsáveis com motivações interiores enganadoras e forças exteriores poderosas, então as riquezas de Cristo poderão se tornar imediatamente relevantes às pessoas. O que antes era apenas "conhecimento intelectual" e "doutrina morta" torna-se plenitude de sabedoria, relevância, esperança, deleite e vida. As pessoas percebem que o Evangelho é muito mais rico do que mera passagem para o céu e perdão barato por pecados comportamentais sempre repetidos.

Quantos Walters e Ellens estão presos por uma vaga culpa sobre comportamentos aparentemente invencíveis? Mas quando Walter vê a necessidade verdadeira de seu coração e sua necessidade de libertação dos poderes que o escravizam, ele vê como ele precisa exatamente de Cristo. Cristo encontra de maneira poderosa as pessoas cônscias de suas verdadeiras carências[5431]. Nós conselheiros cristãos, tanto em nossas vidas pessoais como no nosso aconselhamento, não entendemos o Evangelho de maneira correta, destacada e aplicável às situações de vida. Passo a considerar duas amplas tendências entre cristãos que procuram ajudar o próximo: a *psicologização* e a *moralização.*

Os conselheiros cristãos com tendência à *psicologização* têm interesse autêntico na motivação por trás do comportamento problemático. Cristãos de orientação psicológica procuram lidar com as forças internas e externas que impelem e estruturam o comportamento. Porém, as questões de coração

[31] Hebreus 4:12-16; Mateus 5:3-6; Lucas 11:1-13; Mateus 11:28-30; 2 Coríntios 12:9-10. Na verdade, toda a Bíblia! A força de Cristo está no nosso reconhecimento da necessidade em face às compulsões de dentro e as pressões vindas de fora.



tipicamente são mal-entendidas. Categorias de "necessidades" tendem a substituir as categorias bíblicas de idolatria, desejos da carne, temor dos homens etc, que relacionam o coração diretamente com Deus. Também, questões ambientais tais como um histórico de abuso, maus exemplos e famílias disfuncionais tendem a receber mais "status" determinador do que eles possuem na visão bíblica.

Essa visão das motivações interiores e exteriores encaixa-se como mão na luva como explicação para problemas comportamentais e emocionais. "Você sente-se mal e age de maneira má porque suas necessidades não estão sendo supridas porque sua família não as supriu". A lógica da terapia é coerente com a lógica do diagnóstico: "Eu aceito-o, e Deus aceita-o de verdade. Suas necessidades podem ser supridas e daí você poderá mudar o jeito que sente e age". A responsabilidade comportamental fica enfraquecida, e o processo de mudança torna-se mais questão de suprimento de necessidades do que arrependimento consciente e renovação da mente em Cristo.

O que é o Evangelho?

O que acontece ao Evangelho quando os temas de idolatria não são compreendidos? "Deus ama você" tipicamente torna-se uma ferramenta para suprir a necessidade de auto-estima em pessoas que se sentem fracassadas. O conteúdo específico do Evangelho de Jesus Cristo: "graça para pecadores e libertação para os contra quem foi feito pecado" é minimizado ou até mesmo distorcido para "aceitação incondicional pelas vítimas da falta de aceitação dos outros". Onde se compartilha esse "evangelho", a mensagem é mais ou menos assim: "Deus aceita-o exatamente como você é. Deus tem amor incondicional por você". Porém esse não é o Evangelho bíblico. O amor de Deus não é o afeto incondicional positivo *rogeriano* escrito em letras grandes. Uma teoria de motivação baseada apenas em necessidade, no lugar de uma teoria de idolatria, torce a solução do evangelho, tornando-a em "outro evangelho" essencialmente falso.

Evangelho é melhor do que amor incondicional. O Evangelho diz "Deus aceita-o exatamente como Cristo *é.* Deus tem amor contracondicional por você". Cristo carregou a maldição que você merecia. Cristo agrada plenamente ao Pai e dá-lhe de Sua própria bondade perfeita. Cristo reina em poder, tornando-o filho do Pai e aproximando-se de você a fim de iniciar uma transformação daquilo que para Deus era inaceitável a seu respeito. Deus nunca me aceita "tal qual eu sou". Ele me aceita "tal qual eu sou em Jesus Cristo". O centro gravitacional é diferente. O verdadeiro Evangelho não permite que o amor de Deus seja sugado no *vórtex* da lascívia da alma por aceitação e valor em si mesmo. Em lugar disso, o Evangelho descentraliza radicalmente as pessoas. O que a Bíblia chama de "temor do Senhor" e "fé" faz com que as pessoas olhem para fora de si mesmas.

Os conselheiros cristãos com tendência de "psicologizar" preocupam-se muito em ministrar o amor de deus a pessoas que vêem a Deus como o crítico maior e mais recente a quem jamais conseguirão agradar. Mas seu fracasso em conceituar os problemas das pessoas nos termos que apresentamos neste trabalho inevitavelmente produzem uma tendência de ensinar-se um evangelho liberal. A cruz torna-se apenas uma demonstração de que Deus me ama. Perde sua força como expiação substitutiva por parte do Cordeiro Perfeito no meu lugar, convidando-me ao "arrependimento do pecado que perverte meu coração. A ferida de meu povo é levianamente curada."[32]

Já os conselheiros cristão de tendências moralistas enfrentam outra espécie de problema. Onde há uma tendência moralista no aconselhamento cristão, o perdão de Cristo tipicamente aplica-se apenas aos pecados comportamentais. O contexto do Evangelho é geralmente mais ortodoxo do que o do evangelho psicologizado, mas o âmbito da aplicação do mesmo pode ser truncado. Aqueles de tendência psicologizadora pelo menos notam as complexidades interiores e os sofrimentos exteriores, ainda que retorçam sistematicamente a ambos. De algumas formas a tendência moralista representa uma incompreensão das "más notícias" sobre as quais temos discorrido.

O cristianismo moralista não demonstra muito interesse nas pressões e nos sofrimentos do nosso ambiente social. Os conselheiros temem que tal interesse, de alguma forma, alimentaria as variedades de acusações e lançamento de culpa sobre outros, dos quais nossos corações já possuem tendência exagerada. A responsabilidade humana estaria comprometida. Mas eles não enxergam que compreender o mal que me acomete—a Feira das Vaidades que gira em roda-viva na minha vida — é parte importante da minha apreciação crescente e profunda de Cristo. Prestar atenção às forças que me pressionam e moldam-

[32] Jeremias 8:11 (conferir com 23:16 em diante)

me para o mal ajuda-me a responder de maneira inteligente, responsável e misericordiosa. Conforme salmos após salmos demonstram, nossos sofrimentos são o contexto no qual experimentamos o amor de Deus, tanto para consolar-nos''quanto para desafiar-nos e transformar-nos. Somos consolados em nossas aflições enquanto aprendemos a refugiar-nos em Deus ao invés de refugiar-nos nos ídolos vãos.

Os moralistas são também fracos no que diz respeito ao lado interno da motivação. Os motivos do coração podem ser cuidados em parte devido à auto-consciência do "ego" ou da carne. Mas eles constróem a solução tipicamente em termos de tudo ou nada. Conversão, "entrega e deixa Deus tomar conta", "submissão total" tentam lidar com problemas de motivo através de um único ato de faxina de primeira bênção ou segunda bênção. O Evangelho é para o início da vida cristã ou para um grande e dramático ato de consagração. Há pouca ênfase no *processo* paciente de renovação interior que alguém como Walter —e cada um de nós—precisa. Jesus disse para tomarmos *diariamente* a cruz, morrendo para os falsos deuses que fabricamos e aprendendo a andar em comunhão com Ele, que está cheio de graça para ajudar-nos. A receptividade para o amor de Deus — "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" —é pré-requisito absolutamente essencial para qualquer espécie de obediência ativa a Deus[33].

Temos examinado dois desvios comuns do Evangelho de Jesus Cristo. Ambos evidenciam uma compreensão inadequada dos desvios de nosso coração e de nossa vulnerabilidade correspondente às influências externas. As pessoas são fazedoras de ídolos, compradoras de ídolos e vendedoras de ídolos[34].

Atravessamos uma cidade movimentada cheia de outros fazedores, compradores e vendedores de ídolos. Variavelmente compramos, vendemos, encantamo-nos, concordamos, intimidamo-nos, manipulamos, emprestamos, impomos, atacamos ou fugimos deles. Mas existe um Evangelho maior. Às portas da Feira das Vaidades, o Cristão encontrou um homem que convidou a ele e seus companheiros conforme segue:

> "Permitam sempre que o Reino esteja diante de vocês; creiam firmemente nas coisas que são invisíveis. Não permitam que nada que esteja deste lado do outro mundo entre em vocês e, acima de tudo, cuidem bem de ver os seus próprios corações e suas cobiças, que são enganosos e corruptos. Firmem seus rostos como a pedra; vocês têm todo o poder dos céus e da terra do seu lado"[35].

Cristão passou pela Feira das Vaidades sangrando mas de coração mais puro. Lembrou-se — entre o combate acirrado com o mundo, a carne e o diabo — da Cidade Celestial que era seu destino, e do Senhor Jesus que o convidava à vida.

O Evangelho bíblico liberta-nos tanto do pecado pessoal quanto das tiranias situacionais. A noção bíblica de idolatrias interiores permite que as pessoas vejam sua necessidade de Cristo como salvador misericordioso dos grandes pecados do coração e do comportamento. A noção de idolatrias sócio-culturais-familiares-étnicas permite as pessoas enxergarem Cristo como libertador poderoso dos falsos mestres e falsos sistemas de valores que tendemos a absorver automaticamente. Aconselhamento *Cristão* é o aconselhamento que expõe nossas motivações—nossos corações e nosso mundo —de maneira tal que o Evangelho autêntico seja a única resposta possível.

---

[33] O amor ativo é o fruto da fé receptiva. O Salmo 23, como outras porções das Escrituras, é uma pura promessa para se beber. Outros trechos dão detalhes da tradução do dom para a gratidão, da raiz para o fruto, de permanecer para o produzir fruto, de fé para as obras (Gaiatas 5 e 1 João 4:7-5:12 são dois dos trechos que mais detalhadamente expõem esse conceito). Já as pessoas que são guiadas por desempenho *(performance-oriented)* como Walter, pessoas dirigidas por ídolos, raramente comem e bebem do pão do céu que nutre dando vida.

[34] Não mencionamos aqui como o sistema de interpretação distorcido e os afetos dos valores de Walter são "vendidos" aos seus filhos, esposa, amigos e pais. Há obviamente um "feedback loop'" de efeitos mútuos, um círculo vicioso.

Ao invés, enquanto Walter capacita-se a mudar tanto coração quanto comportamento, ele criará um círculo gracioso de efeitos positivos sobre sua família e igreja. Enfatizamos o lado negativo do amoldamento social, mas a fé é tão contagiosa quanto o ó a idolatria.

[35] Bunyan, ibid., página 83.